



A apropriação do currículo a partir e através de projetos de trabalho

Ângela Rodrigues*

Nota introdutória

No presente ano letivo foram-me atribuídas, pela primeira vez, três turmas de 9.º ano. Pretendo descrever o trabalho de aprendizagem do currículo, desenvolvido nestas turmas, a partir de pesquisas orientadas para projetos de trabalho e de comunicações orais à turma.

Vou centrar-me no modo como foram implementados três dos cinco módulos de trabalho que enformam o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM): "(a) o Conselho de Cooperação Educativa, (b) o trabalho de pesquisa com projetos de aprendizagem; (c) e a partilha dos projetos em circuitos de comunicação" (Niza, 2016, p.14).

A maior parte das pesquisas foram desenvolvidas no âmbito de projetos de estudo dos conteúdos do programa de história do 9.º ano. Algumas destas pesquisas levaram a outro tipo de projetos. Por exemplo, a propósito do estudo da Guerra Colonial, um grupo de alunas convidou um dos ex-combatentes, familiar de uma delas, a estar presente numa das aulas de história para relatar a sua experiência naquele âmbito.

Breve enquadramento teórico

O Movimento da Escola Moderna baseia-se em três subsistemas integrados de organização do trabalho de aprendizagem: (i) uma estrutura de trabalho cooperativo; (ii) uma construção social dos saberes em circuitos dialógicos de comunicação; e (iii) um contexto democrático ativo de educação. Os alunos são chamados a participar, crítica e responsavelmente, no planeamento, regulação, concretização e avaliação de todo o trabalho desenvolvido na sala de aula, assumindo partilhar na turma e na escola o que aprenderam, em comunicações suportadas por diversos produtos escritos.

Sérgio Niza, na sessão de abertura do XVIII Congresso do MEM, realizado em Lisboa, em julho de 1996, referia que, partindo das necessidades e interesses dos alunos e partilhando com eles a gestão dos tempos, dos recursos e dos conteúdos escolares, o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna tem como finalidade a envolvimento e corresponsabilização dos alunos na sua própria aprendizagem, tendo em vista uma maior qualidade educativa, que se traduz não só num aumento dos saberes dos alunos e no seu prazer em aprender, como num maior desenvolvimento pessoal e social dos mesmos, através da prática de uma formação democrática para o exercício da cidadania.

William Glasser, na sua teoria da aprendizagem, afirma que o professor é um guia para o aluno e não um chefe. Nesse sentido, o tra-

* 3.º Ciclo do Ensino Básico.



balho em sala de aula não deve centrar-se apenas na memorização de assuntos/conceitos ouvidos porque esses serão rapidamente esquecidos. Defende que os alunos aprendem muito mais quando se envolvem em debates, quando discutem uns com os outros, quando agem, quando produzem um resumo, um artigo de jornal, uma revista, uma maquete, ...; mas todos aprendem mais ainda quando ensinam aos outros, ou seja, quando, ao comunicar o que aprenderam, explicam e ilustram os assuntos abordados.

De acordo com Martins (2017) no documento *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017)*, é necessário uma mudança da prática docente para que os valores, princípios e áreas de competências inscritos nesse documento se possam desenvolver. E essa mudança implica:

- Abordar os conteúdos de cada área do saber recorrendo a materiais e recursos diversificados;
- Organizar e desenvolver atividades cooperativas de aprendizagem, orientadas para a integração e troca de saberes, a tomada de consciência de si, dos outros e do meio e a realização de projetos intra ou extraescolares;
- Organizar o ensino prevendo a utilização crítica de fontes de informação diversas e das tecnologias da informação e comunicação;
- Promover de modo sistemático e intencional, na sala de aula, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores (p. 18).

Este normativo vem reforçar o que A. Peças em 1999, pensava a propósito do ato de educar, o qual se define como “meio de compreensão e ação sobre os quotidianos, orientado para a resolução dos problemas e das dificuldades, provocando novas e mais intensas questões para nos fazermos todos (educadores e educandos) mais cultos e melhores cidadãos.” (p. 58). Ao invés do paradigma da transmissão de informação, aponta-se para cenários que contribuam para o desenvolvimento da conduta de projetos. Projetos entendidos como uma intenção de fazer algo

num futuro muito próximo, como uma antecipação mental de algo que se pretende fazer (Niza, 2005). Projetos entendidos como uma previsão, antecipação ou planificação mas também como empenhamento do indivíduo na concretização de uma intenção (Marc Bru, cit. Pires, 1994), ou seja, o ponto de partida de qualquer projeto está no impulso, na vontade, no envolvimento do próprio aluno (Dewey, 1968). Os projetos têm, como ponto de partida, os próprios interesses do aluno e pretendem dar resposta às suas necessidades, sendo a apropriação do conhecimento entendida como uma atividade gratificante, enquanto construção cooperada de soluções para problemas seus ou da comunidade (Serralha, 2007).

Perrenoud (2001) diz-nos que os projetos são empreendimentos coletivos gerados pelo grupo-turma e não pelo adulto; orientados para uma produção concreta; mobilizadores de saberes/saberes-fazer e práticas sociais que aumentam o sentido dos saberes e aprendizagens escolares; permitindo, em situações de autoavaliação, identificar saberes adquiridos e obstáculos a ultrapassar; promotores da cooperação, da autonomia, da capacidade de fazer escolhas e de as negociar. Nesta perspectiva os alunos não são meros executores de atividades, planeadas por outros, mas antes sujeitos ativos no planeamento, concretização e regulação do trabalho curricular.

Arranque do ano letivo

Nas primeiras aulas, em setembro, comecei por propor aos alunos o modo como iríamos trabalhar nas aulas de História:

- Apresentação do programa (anexo 1) – foram projetados os grandes temas de História do 9.º ano a serem trabalhados e aprendidos pelos alunos ao longo do ano letivo; foram definidos os temas a trabalhar no 1.º, 2.º e 3.º períodos
- Apresentação e explicação dos modos de trabalho a implementar nas aulas: projetos de trabalho, comunicações orais dos alunos,

estudo autónomo, comunicações da professora e reuniões da turma (conselhos de cooperação educativa)

- Apresentação dos critérios de avaliação do agrupamento da disciplina de História, de acordo com os quais os instrumentos a ter em consideração na avaliação são, para além dos tradicionais testes, os projetos e respetivas comunicações orais.

Escolha do tema e formação de grupos de trabalho para pesquisas orientadas por projetos

Após apresentar o programa, os critérios de avaliação e os modos de trabalho a desenvolver nas aulas, foi dedicado tempo para a escolha dos temas a trabalhar no primeiro período e para a formação dos grupos de trabalho. Duas regras fundamentais tinham de ser cumpridas:

- Os grupos seriam constituídos, no máximo, por três alunos;
- O assunto curricular que cada grupo selecionasse para a sua pesquisa não poderia ser partilhado com quaisquer outros grupos ou aluno da turma.

Na maior parte dos casos, cada grupo foi formado de acordo com a preferência pelos assuntos a pesquisar e, por vezes, também de acordo com os afetos. Nestes casos as atividades de pesquisa foram realizadas por parceiros autoeleitos (Niza, 2016). Situação excepcional, mas que também ocorreu, foi o facto de uma aluna não ser escolhida pelos pares, ficando inicialmente sozinha, mas não por vontade própria. Esta questão foi de imediato abordada em reunião de conselho da turma e, através do diálogo, foi possível integrar a aluna num dos grupos de trabalho, negociando o processo de pesquisa e a partilha de tarefas.

Na aula dedicada à escolha dos temas para as atividades de pesquisa, a reação inicial dos alunos foi a de se levantarem dos seus lugares, dirigindo-se rapidamente para o qua-

dro para escreverem o assunto que queriam pesquisar. Na sua lógica, quem primeiro registasse o tema no quadro, ou conseguisse que alguém o fizesse, era quem realmente ficaria a investiga-lo. Logo quem fosse mais lento nesta tarefa teria de ficar com assuntos ainda não escolhidos, mesmo que não gostasse deles. Eu intervim, por várias vezes, reforçando que nas aulas de História não é quem primeiro chega que tem prioridade na escolha e sugeri que fossem também registados no quadro os grupos que pretendiam pesquisar assuntos já escolhidos para, numa fase posterior, através do diálogo e da negociação, a turma alcançar consensos. Isto foi uma novidade, uma vez que para os alunos bastava cada grupo entender-se com a professora, sem ter em consideração os interesses dos colegas. O que lhes propus foi diferente: nas nossas aulas todos podiam e deviam opinar sobre a escolha dos assuntos de cada grupo e propor assuntos alternativos aos inicialmente escolhidos por vários grupos, de modo a alcançar consensos: a mediação foi feita por mim mas também por alguns alunos que ajudaram a propor e a reorganizar os assuntos, conseguindo-se que cada grupo comesse a pesquisar um assunto diferente dos restantes grupos da turma.

Houve situações em que os grupos que escolhiam o mesmo assunto não cediam e propunham como solução a realização de um sorteio. Esta opção foi sempre refutada por mim, argumentando que na vida real é necessário saber tomar decisões e saber defender as nossas posições ou escolhas. Em vez do sorteio, propus aos dois grupos que, na aula, consultando os livros que tinham à sua disposição, redigissem um texto argumentativo para fundamentar a sua escolha. Esses argumentos foram lidos à turma, os colegas intervieram e deram a sua opinião referindo que o grupo 2 apresentou argumentos mais fortes. Na aula seguinte, os grupos foram novamente auscultados, no sentido de se saber se algum deles tinha ponderado escolher outro assunto. Como tal não sucedeu e com base nos argumentos apresentados, o

grupo 2 foi selecionado para desenvolver atividades de pesquisa sobre o “Milagre japonês” (ver fig. 1).

○ “Milagre Japonês”
Grupo 1

“1.º Argumento – Interessa-nos este tema pois o Japão é uma das culturas mais diferentes do mundo e também devido às suas diversas e muito alargadas industrializações em todas as temáticas, como por exemplo as inovações tecnológicas, mecânicas, robótica e a sua muito famosa comida.

2.º Argumento – A raça japonesa é uma das mais abundantes em todas as partes do mundo, onde tentam espalhar cada vez mais as suas tradições, cultura e também a sua língua.

3.º Argumento – O Japão também se desenvolveu muito graças à robotização que é um tema que nos interessa.”

○ “Milagre Japonês”
Grupo 2

“Todos estamos interessados em conhecer a cultura japonesa porque o assunto deste tema sempre nos interessou devido à aparição desta cultura em filmes.

Queremos saber o que aconteceu no Japão e as transformações que aí ocorreram, pois este país hoje em dia é um dos países mais desenvolvidos tecnologicamente.

Queremos saber o que aconteceu e como se recuperou e porque é que os EUA os ajudaram.

Queremos saber como é que um país que foi derrotado e economicamente aniquilado se transformou no que é agora, uma grande potência.”

Figura 1 – argumentos apresentados por dois grupos para a pesquisa do mesmo tema:

○ “Milagre Japonês”

Plano trimestral de trabalho

Como nos diz Américo Peças (1999), os projetos exigem um cenário pedagógico em que a gestão do tempo, dos conteúdos, dos recursos e dos interesses são da responsabilidade da turma. “A planificação é pertença da turma. Aí serão explicitados e negociados os tempos do individual, do grupo, do coletivo, os tempos do estudo e os tempos do ensino, os tempos de investigação e os tempos de intervenção” (p. 60). Nesse sentido e após as escolhas dos assuntos a pesquisar, em contexto de sala de aula, foi elaborado, o *plano trimestral de trabalho* (anexo 2), através do qual os alunos tomaram consciência do número previsto de aulas, para um período letivo, e participaram na distribuição dos tempos letivos pelas várias modalidades de trabalho: projetos (pesquisa, preparação das comunicações, comunicações orais), estudo autónomo e momentos de avaliação. As aulas dedicadas aos projetos foram as de 90 minutos e as aulas dedicadas ao estudo autónomo foram essencialmente as de 45 minutos. Este plano foi construído respeitando os compromissos que os alunos tinham nas outras disciplinas: houve o cuidado de não agendar comunicações orais dos alunos em dias/semanas em que estavam calendarizados testes e/ou apresentações de trabalhos de outras disciplinas.

Pesquisas

Antes de os alunos avançarem para os momentos de pesquisa, em reunião da turma e a partir do *Roteiro para as pesquisas orientadas para projetos de trabalho* (anexo 3), explicitarei como deveria decorrer o processo de pesquisa: numa primeira fase, os alunos deveriam recolher individualmente informações no seu manual, noutros manuais, em livros à sua disposição e em meios digitais (Fig. 2).

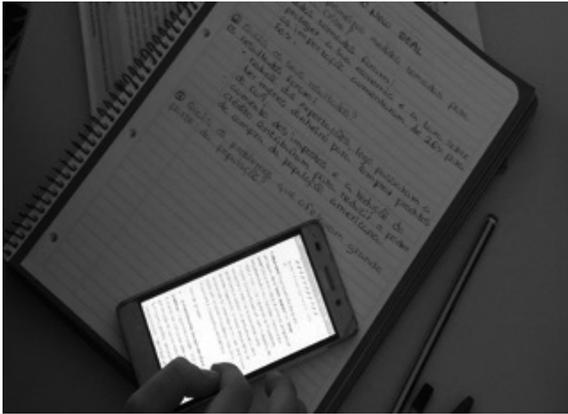


Figura 2

O motivo fulcral da existência de dois momentos de pesquisa – um individual seguido de outro em grupo – centra-se na preocupação de todos os alunos de um grupo de trabalho dominarem os vários aspetos do assunto escolhido. Para orientar a recolha e tratamento da informação, os alunos tinham ao seu dispor *Listas de verificação de conteúdos e conceitos* (anexo 4), documento orientador das suas pesquisas, bem como dos momentos de estudo autónomo. Só numa segunda fase é que os vários elementos dos grupos se juntavam para partilharem as informações recolhidas individualmente (fig. 3), para esclarecerem, em grupo, dúvidas que ocorressem durante a pesquisa individual. Também em grupo selecionavam documentos de várias naturezas (mapas, imagens, textos), construíam os suportes escritos das suas comunicações

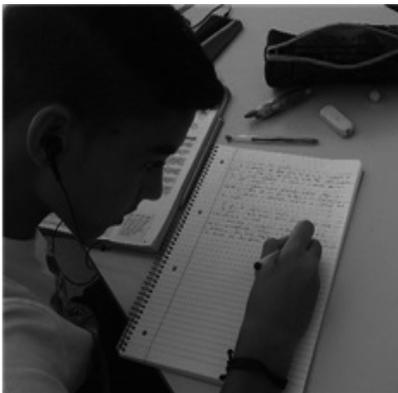


Figura 3 – Recolha de informação/elaboração de resumos

Portugal: da crise da monarquia à implantação da República

Nos finais do século XIX, Portugal continuava a ser um país com fraca produção agrícola e muito pouco industrializado, aumentando assim as importações, por isso, a balança comercial mantinha-se deficitária. A nível financeiro, a situação era igualmente grave, pois os governos pediam constantes empréstimos ao estrangeiro e aumentavam os impostos para promover o desenvolvimento do país.

Na década de 1890 houve uma grave crise na Europa que afetou intensamente Portugal, até ao ponto de levar o Estado à bancarrota, em 1892.

As dificuldades económicas do país originaram um crescente descontentamento social: as classes médias confrontaram-se com o aumento dos impostos, com a inflação (processo de persistente subida dos preços) e com a ameaça do desemprego; o operariado também se debatia com semelhantes problemas, e aos quais se juntavam os baixos salários e as catorze ou mais horas de trabalho. Os governos monárquicos eram cada vez mais contestados, situação que se agravou com a cedência de Portugal ao Ultimato Inglês, que, em 1890, gerou um sentimento de revolta e humilhação por todo o país, que contribuiu para o crescimento do descontentamento da população.

O Partido Socialista, fundado em 1875, e dirigido essencialmente à classe operária, não teve muitos adeptos. A fraca industrialização do país traduzia-se num número reduzido de operários apenas significativo nas áreas de Lisboa e do Porto.

Também em 1876, foi fundado o Partido Republicano Português (PRP) que defendia o derrube da monarquia e a sua substituição pela república. As classes médias e o operariado, muito descontentes com as suas condições de vida, constituíram a base de apoio do PRP, sendo em 1878 eleito um deputado ao Parlamento.

Também a Maçonaria e a Carbonária, desempenharam um papel importante, no apoio à atividade política republicana. A Maçonaria – sociedade não secreta, defendia a fraternidade e a liberdade. A Carbonária – sociedade secreta, com ligação à Maçonaria, apoiava, igualmente, a luta contra a monarquia, preconizando mesmo a utilização de armas (tornou-se o principal instrumento de ação armada dos republicanos e da Maçonaria).

No dia 31 de janeiro de 1891, houve a 1ª tentativa de implantação da república, no Porto, devido ao descontentamento nacional provocado pela cedência do governo ao Ultimato Inglês, em que os revoltosos chegaram mesmo a içar a bandeira republicana na Câmara Municipal.

Em maio de 1906, a agitação no Parlamento e nas ruas, levou o rei D. Carlos a entregar a chefia do governo a João Franco, que, a partir de maio de 1907, passou a governar em ditadura, perseguindo alguns republicanos.

No dia 1 de fevereiro de 1908 o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro, D. Luís Felipe, foram assassinados, por elementos republicanos que atuaram individualmente.

O trono foi ocupado por D. Manuel II, que demitiu João Franco e formou um governo com representantes de todos os partidos que apoiavam a monarquia. Contudo, logo surgiram desentendimentos que o PRP aproveitou para reforçar a contestação à república.

Na noite de 4 de outubro de 1910, em Lisboa, iniciou-se a revolução republicana por Machado Santos. Na manhã seguinte, 5 de outubro, os revoltosos proclamaram a república.

D. Manuel II e a mãe, D. Amélia, embarcaram para Inglaterra rumo ao exílio. Tinha início a I República. Foi, então, constituído um governo provisório, liderado por Teófilo Braga, que logo marcou a diferença: implantou um novo hino (A Portuguesa), uma nova bandeira, e uma nova moeda (o escudo).

Figura 4 – Resumo de um grupo de trabalho (exemplo)

orais e redigiam os resumos, a distribuir aos colegas da turma (fig. 4). Para além do resumo, cada grupo construía uma ficha de trabalho que depois distribuía à turma logo após a comunicação, convidando os colegas a responderem por escrito. Havia grupos que preferiam construir questionários em aplicações gratuitas disponíveis online ou projetar um conjunto de questões, no final da comunicação, convidando os colegas a responderem oralmente (fig. 5).



Figura 5 – Questionário projetado no final da comunicação oral

Momentos intermédios de regulação da aprendizagem

Após a construção do suporte escrito da comunicação e dos produtos a distribuir à turma, os alunos tinham de responder, individualmente e sem consulta, a uma ficha de trabalho. Esta incidia sobre os conteúdos pesquisados e o objetivo da sua aplicação era verificar se todos os membros de cada grupo dominavam os conteúdos/competências ou se ainda precisavam de trabalhar um outro aspeto, de forma a estarem bem preparados para comunicar à turma. De seguida, na sala de aula, grupo a grupo, as respostas às questões foram analisadas, com a indicação das respostas corretas, incompletas ou erradas e os motivos. A minha grande preocupação foi explicitar junto dos alunos que a percentagem que cada um obtivera na ficha não seria determinante para o nível a atingir no final do período. A ficha de trabalho era um elemento importante no processo de trabalho, como lhes disse explicitamente antes de a realizarem: tinha como principal função levar os alunos a tomarem consciência do que realmente dominavam acerca do assunto trabalhado e do que necessitavam de melhorar antes do momento das comunicações. Apesar das minhas observações, houve alunos que não entenderam muito bem esta situação e ficaram muito inseguros porque não obtiveram uma classificação de acordo com a sua expectativa. Como verifiquei que um dos alunos estava muito inquieto/inseguro, achei que seria melhor contactar o encarregado de educação e fazer alguns esclarecimentos sobre o modo como estava a trabalhar nas aulas, a fim de que tudo ficasse muito mais claro para todos, o que veio a acontecer.

Comunicações orais

Nas aulas dedicadas ao trabalho por projetos, os grupos, na fase da preparação das comunicações orais, definiram os assuntos pe-

los quais cada um se responsabilizara comunicar. Alguns alunos treinaram, em grupo, a sua comunicação, outros resistiram a esta prática, argumentando que em casa se preparariam melhor.

Ao longo destas aulas fui explicitando, variadíssimas vezes, que as comunicações orais seriam momentos essenciais para a aprendizagem nas aulas de História, uma vez que os assuntos comunicados não tinham sido previamente apresentados pela professora. Como tal implicavam uma postura responsável, quer por parte dos alunos comunicadores, quer por parte dos seus colegas ouvintes: os primeiros teriam que se preparar muito bem, saber explicar, exemplificar e os segundos deveriam estar atentos à comunicação dos colegas, em silêncio e tomando algumas notas. Foi também nesta fase dos projetos que surgiram os critérios para uma boa comunicação e para um bom suporte escrito à comunicação, critérios construídos por alunos de anos anteriores (Figs. 6 e 7).

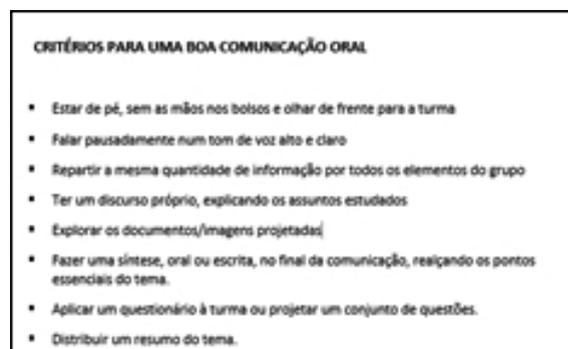


Figura 6 – Critérios para uma boa comunicação oral

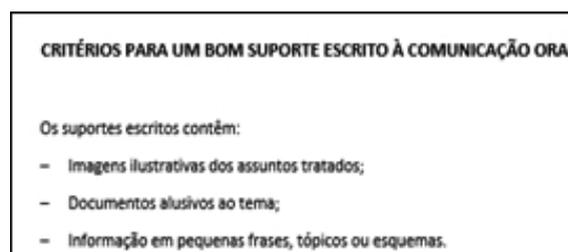


Figura 7 – Critérios para um bom suporte escrito à comunicação oral

As comunicações orais foram ocorrendo e as questões foram surgindo: alguns alunos limitaram-se a ler (mesmo após ter sido referido que tal não podia acontecer), outros “despejaram” conteúdos decorados, num discurso oral proferido num ritmo alucinante, difícil de acompanhar. Logo de imediato, após a comunicação, a reação dos colegas foi: “Muito boa!” “Sabiam tudo!” “Merecem boa nota” ou “Esforçaram-se imenso!”. A lógica destes alunos continuava a ser a que impera na Escola:

- Apresentação oral entendida como forma de os alunos alcançarem uma classificação com apresentações direcionadas para a professora e raramente para a turma (na maior do tempo, os alunos ao comunicarem não interagiam com os colegas e olhavam fixamente para a professora).

- Os restantes alunos, por sua vez, adotaram o papel de “ouvintes passivos” de apresentações orais de trabalhos: desatentos du-

rante as comunicações (mesmo que não estivessem a conversar), a “descansar” sem tomar notas ou, pior, a murmurar quando a imagem dos comunicadores não era a melhor (“maus alunos”) e, no final das apresentações, surgiam elogios aos alunos ditos “excelentes” referindo que os colegas estiveram bem (*mesmo que tudo estivesse decorado e fosse proferido num discurso muito rápido, difícil de acompanhar*).

Como desmontar esta lógica? É muito difícil, demora tempo, surgem muitos obstáculos, mas, a função do docente é a de explicitar, vezes sem conta, o porquê da sua discordância face a estas atitudes e apontar caminhos para que realmente ocorram aprendizagens no grupo-turma. Como nos diz Sérgio Niza (2005), comunicar “não é os outros ouvirem o que eu tenho para dizer, mas os outros poderem dizer o que entenderam da minha intervenção” (p. 515).

Pontos fortes	Aspetos a melhorar
<i>Boa dicção</i>	<i>Menos texto Mais imagens Estudar melhor o trabalho</i>
<i>Boa comunicação Bom tom de voz</i>	<i>Melhorar o suporte informático</i>
<i>Voz razoável, nem muito alta nem baixa Com um bom tom de voz</i>	<i>Melhorar algumas hesitações</i>
<i>Apresentou bem Teve um bom tom de voz Explicou bem</i>	<i>Falar mais pausadamente</i>
<i>Postura Tom de voz Bom PowerPoint</i>	<i>Ler menos Explicar mais Mais imagens</i>
<i>Tinham imagens Conseguiram explicar o tema O PowerPoint estava bom</i>	<i>Mais mapas Têm que estudar um pouco mais o trabalho Terem mais postura enquanto apresentam</i>

Figura 8 – Apreciações das Comunicações orais – exemplos

Na primeira comunicação de uma das turmas considerada dos “bons alunos”, foi notório que todo o meu discurso e os roteiros distribuídos na fase da preparação das comunicações, não foi de todo entendido ou ouvido. No final da comunicação, após rasgados elogios da turma a uma comunicação com muitos aspetos a melhorar, considerei ser necessário lançar questões-chave sobre os conteúdos comunicados, desafiando, num primeiro momento, a turma a responder e, num segundo momento, dando a palavra aos comunicadores para completarem ou esclarecerem os colegas, quando estes não conseguiram responder. No final, alguns alunos referiram ter entendido muito melhor o tema comunicado, pois “*Os colegas tinham falado muito depressa, mas, quando a professora colocou questões já conseguiram explicar, calmamente e bem, a matéria do seu trabalho*”. Para registar por escrito as reflexões que surgiram após a comunicação dos colegas, os alunos preencheram, a pares, o documento *ficha de heteroavaliação da comunicação oral à turma* (anexo 6). Nesta ficha foram registados os pontos fortes e os aspetos a melhorar nas comunicações (Fig. 8).

Estes aspetos a melhorar podiam e deviam ser considerados nas comunicações, agendadas para as aulas seguintes. Neste contexto decorreu uma reunião de conselho na qual os alunos elencaram alguns aspetos a considerar em futuras comunicações:

Olhar de frente para os colegas em vez de olhar para a professora;

Ter um discurso pausado e num tom de voz audível em vez de falar apressadamente e “comendo” parte das palavras;

Explorar os documentos apresentados (mapas) em vez de apenas projetá-los;

Ter numa folha de papel os tópicos dos assuntos a abordar, para orientar o discurso, em vez de olhar para a apresentação em PowerPoint, levando mais facilmente à leitura.

No sentido de se preparem para as comunicações, houve alunos que referiram ter por hábito expor os conteúdos a um familiar,

como se estivessem a comunicar à turma; também foram sugeridos vários ensaios da comunicação em frente ao espelho e/ou a gravação do discurso, ouvindo-o de seguida para eventuais melhorias. Construiu-se, então, uma lista de procedimentos a adotar para se conseguir uma boa comunicação. Esta lista pouco difere do roteiro distribuído no início da pesquisa. A única diferença – e a mais importante de todas – é que partiu da realidade, das vivências deste grupo-turma e, como tal, foi muito mais valorizada e começou a fazer mais sentido para todos.

Conselhos de cooperação educativa (reuniões da turma)

As reuniões de conselho de cooperação educativa realizaram-se no início, a meio e no final de cada período letivo e sempre que houve necessidade. Nestas reuniões, a turma e a professora geriram cooperadamente o currículo, em todas as etapas, desde o planeamento à avaliação. No início do ano letivo, a partir da apresentação do programa da disciplina, foram acordadas/ definidas as unidades temáticas a trabalhar em cada um dos períodos letivos. No início de cada período letivo, a partir do programa e das listas de verificação de conteúdos e conceitos, foram escolhidos os assuntos a trabalhar em atividades de pesquisa e foram elaborados os planos trimestrais de trabalho. Foi também neste espaço que a turma procedeu a reformulações do plano trimestral de trabalho, avaliou o trabalho desenvolvido, período a período e definiu/adotou novos modos de fazer/atuar.

Ao longo do período, de turma para turma, diferiu muito o tempo dedicado às reuniões de conselho. Estas ocorreram sempre que foi necessário, podendo ocupar uma aula de 45 minutos ou partes de aulas devido a questões de natureza diversa como o desenrolar da pesquisa, a preparação das comunicações, o modo como decorreram as comunicações, a atitude dos alunos face às comunicações dos colegas, os comportamentos/ atitudes



dos alunos. Estes momentos contribuíram para o desenvolvimento sociodemocrático ou sociomoral dos alunos, na medida em que se acordaram critérios de organização do trabalho e se construíram regras para melhorar a vida em grupo (Niza, 2016).

Na fase da pesquisa orientada para projetos de trabalho, ocorreram breves momentos de reflexão escrita, partilhada na turma, sobre as ações adotadas pelos grupos de trabalho, como por exemplo:

“Em primeiro lugar fizemos a escolha do tema, de seguida lemos e sublinhámos as páginas do livro que nos diziam respeito e fizemos os resumos. Depois agrupámo-nos e fizemos um resumo mais completo com base nos resumos de todas as pessoas do grupo. Passámos o resumo para Word e com base no resumo fizemos o PowerPoint que ainda está em desenvolvimento. Vamos fazer um questionário, vamos distribuir o resumo à turma e uma espécie de revista com toda a matéria.”

“1.º - Sublinhámos o texto das páginas do nosso trabalho (páginas 102-105)

2.º - Cada um fez o seu resumo a partir do texto sublinhado do livro

3.º - Procurámos informações nos livros trazidos pela professora para a sala de aula

4.º - Começámos a fazer o trabalho em PowerPoint a partir do texto sublinhado do livro e dos resumos”.

A explicitação e o pôr em comum os modos de atuar nas atividades de pesquisa enriqueceu as turmas enquanto grupo, permitindo que os alunos avançassem, de forma cooperada, nas suas aprendizagens.

Os diferentes momentos da pesquisa foram registados em documento próprio – *plano de projetos de trabalho* (anexo 5) – no qual são inscritos os nomes dos elementos do grupo, o tema a pesquisar, o que pretendem saber, dúvidas e/ou observações.

No final do primeiro período os alunos fizeram um balanço escrito do trabalho realizado nas aulas, propondo alterações, caso as

considerassem necessárias, para melhorar as suas aprendizagens.

Balanço do trabalho realizado nas aulas de história – 1.º período

“Neste ano foram desenvolvidos diversos tipos de atividades.

Foram bem desenvolvidas com o trabalho de grupo, as listas e o trabalho desempenhado na sala de aula, onde desenvolvi estes métodos com alguns colegas da turma.

Aprendi melhor com o desenvolvimento dos trabalhos e dos métodos de pesquisa que exercemos, antes de os fazer, porque era onde conseguia estar com atenção ao que fazia”.

Maria

A Maria quando diz “...métodos de pesquisa que exercemos, antes de os fazer...” está a referir-se aos momentos de pesquisa individual que constituem a primeira fase das pesquisas orientadas para projetos de trabalho.

Balanço do trabalho realizado nas aulas de história – 1.º período

“Nas aulas de história primeiro apresentámo-nos uns aos outros, depois organizamos as aulas e o que íamos fazer com a ajuda da professora. Começamos por fazer trabalhos de grupo e por distribuir os temas pelos colegas da turma, depois a professora introduziu o tema para nós termos uma noção do que deveríamos colocar na apresentação e estudar.

O meu trabalho foi feito com a A e com a C, com a ajuda e opinião da professora conseguimos realizar o trabalho com facilidade e eu aprendi muito com este método porque com as fichas de verificação é tudo mais fácil.

No primeiro teste, pelos resultados notou-se que estávamos muito mais seguros sobre a matéria por causa do trabalho. Depois deste teste começá-



mos a dar nova matéria e eu fiquei muito mais interessada porque a professora colocou um vídeo, o que fez com que a turma estivesse mais interessada.

Nas aulas de história eu acho que tudo funciona muito bem e que a única coisa que acho que deveria ser melhorada era no âmbito do estudo autónomo, acho que deveria ser realizado em grupo, em conjunto com a professora.”

Ana

Os últimos parágrafos dos testemunhos da Ana e do Manuel referem-se aos momentos de estudo autónomo, nos quais os alunos

tinham de responder a questões dos temas comunicados, resolver fichas de trabalho e elaborar resumos. Todo esse trabalho era realizado a partir de listas de verificação dos conteúdos/conceitos, as quais continham por vezes muitos itens (designados pelos alunos de *perguntas*). Em sala de aula, nem sempre havia tempo para a concretização de todas as tarefas. Por exemplo, os alunos demoravam algum tempo a elaborar os seus resumos e tinham que terminá-los em casa. A proposta da Ana era no sentido de resolver esta questão: segundo ela, o estudo autónomo “...deveria ser realizado em grupo, em conjunto com a professora.” Ou seja, ao invés de cada aluno, indivi-

Turmas	Comunicações orais: <i>o que correu menos bem</i>	Comunicações orais: <i>como melhora</i>
9.º A	Comunicações num tom de voz baixo ou num ritmo extremamente acelerado e algumas leituras. Suportes escritos em <i>PowerPoint</i> com algumas incorreções ortográficas, muito texto e poucas imagens.	Falar num tom de voz mais alto e/ou mais lento. Suportes escritos em <i>Power Point</i> com pequenas frases, ilustrados com imagens e pequenos vídeos. Criar equipas que voluntariamente visualizem as apresentações em <i>PowerPoint</i> dos colegas para propor melhorias na sua escrita.
9.º B	Suportes escritos em <i>PowerPoint</i> com muito texto; com poucas imagens; Comunicações orais com muita leitura, com alunos muito “agarra- dos” ao texto devido à falta de estudo.	Suportes escritos em <i>PowerPoint</i> que contenham apenas tópicos, imagens ou vídeos; Comunicações orais: melhor preparação; saber explicar os conteúdos do tema, por exemplo, elaborando guiões escritos; levar a turma a participar durante as comunicações.
9.º C	Algumas apresentações em <i>Power- Point</i> não são “atrativas” por terem muito texto e poucas imagens. Nas comunicações orais houve leituras em vez de explicações e continham muitos conteúdos.	Após as comunicações à turma, a professora deve <i>sempre</i> aprofundar ou clarificar os temas comunicados. Comunicações sem leituras, com exposições orais, com exemplos e claras explicações.

Figura 9 – Balanço do trabalho realizado – 1.º período

dualmente ou a pares, estar a desenvolver tarefas de estudo diferentes das dos colegas do lado, estaria a professora, em modo simultâneo, a orientar o estudo de todos. Mas, em vez disso, foram sempre propostos e explicitados os motivos do trabalho a pares, o apoio entre pares e o apoio da professora a alguns alunos, previamente acordado entre todos.

Balanço do trabalho realizado nas aulas de história – 1.º período

“No 1.º período começamos por desenvolver os resumos para os trabalhos de grupo, o que nos foi muito útil para passarmos para o formato digital (PowerPoint). Quando foi na hora de apresentar notava-se que se lembravam do que tinham sublinhado e escrito. O meu grupo aprendeu bastante com o que tinha elaborado e com os resumos feitos.

Aprendi mais e melhor após os grupos apresentarem e termos feito as listas propostas e folhear-mos o manual.

Eu acho que as aulas estão bem constituídas uma vez que o método de estudo é idêntico.

As aulas de história acabam por se tornar mais pesadas quando temos algo para responder pois são demasiadas perguntas sobre o mesmo tema.”

Manuel

No testemunho do Manuel é realçada a importância da elaboração de resumos, na fase inicial da pesquisa, para a aprendizagem e comunicação dos assuntos investigados: “...na hora de apresentar notava-se que se lembravam do que tinham sublinhado e escrito...”. Como nos diz Sérgio Niza (2005) “[a] apropriação do conhecimento faz-se pela construção e pela ação, pela fala ou pela escrita, e não é possível construir aprendizagens sem falar e escrever as aprendizagens.” (p. 515).

Na reunião de conselho dedicada ao balanço do trabalho realizado no primeiro período, os alunos fizeram ainda um balanço das comunicações orais, referindo o que correu menos bem e propondo ações para me-

lhorar o desempenho oral (fig. 9).

Como podemos verificar, os aspetos mais frágeis das comunicações, referidos em cada uma das turmas, foram semelhantes: suportes escritos com muito texto, comunicações orais pouco claras, com recurso a leituras. As propostas para melhorar as comunicações passaram por algo comum às três turmas: suportes escritos com mais imagens, pequenas frases ou tópicos e comunicações orais mais claras, esclarecedoras e interessantes. Para esta última situação as propostas foram diversas: realização de um guião de preparação da comunicação, preparação da comunicação mais consistente (mais estudo) e até o recurso posterior e sistemático da professora para minorar as dúvidas que surjam durante as comunicações.

No segundo período verificou-se que a maioria dos alunos fez um esforço e revelou uma clara preocupação em melhorar os seus suportes escritos e em melhorar o seu desempenho oral. Exemplo disso é o que está expresso na fig. 10, em que o suporte escrito – apresentação em PowerPoint – apenas tem uma imagem e um título. Este grupo de alunos quando comunicou fê-lo num discurso oral claro, com breves explicações e muito seguro, conseguindo prender a atenção dos colegas da turma. Sendo um grupo de três elementos, uma das alunas falou sem quaisquer auxiliares de papel ou digitais, uma outra aluna orientou-se por tópicos registados numa folha de papel e um terceiro aluno orientou o seu discurso a partir de tópicos guardados no seu telemóvel. Embora adotando diferentes atuações, o que importa real-



Figura 10

çar é que o grupo conseguiu desse modo comunicar, verdadeiramente, o que aprendeu, à turma.

Quando algum grupo de trabalho não fazia a sua comunicação de acordo com as propostas de melhoria definidas na turma, no momento da heteroavaliação da comunicação, alguns alunos lembravam os compromissos assumidos por todos:

“No início do período acordámos que as nossas apresentações em PowerPoint deviam ter mais imagens e documentos, uma frase ou algumas palavras e vocês não cumpriram... continuam a apresentar muito texto”.

A regulação do grupo-turma também se fez sentir quando, no final das comunicações, os alunos registavam por escrito, para depois partilhar oralmente com todos, anotações desta natureza:

“Aspetos a valorizar: Boa apresentação; explica o olhar para o público

Aspetos a melhorar:

- A M. iniciou a comunicação sentada;*
- Texto um pouco extenso;*
- Para clarificar as imagens apresentadas não explicaram, leram uma “cábula”.*”

Na reunião de conselho, ocorrida no final do segundo período, os alunos fizeram uma avaliação dos modos de comunicar, exemplo disso temos:

“Na minha opinião o trabalho de sala de aula correu muito bem no geral dos grupos, com apresentações melhores apresentadas no segundo período. Eu falo por mim que a minha apresentação correu muito melhor.” S.

“Na minha opinião o nosso trabalho em turma melhorou significativamente comparado com o 1.º período, pois nós nas apresentações conseguimos apresentar bem sem ler, ou seja, a maior parte da turma tentou explicar.” P.

“Penso que fizemos progressos em relação às apresentações, tendo em conta os colegas e os próprios suportes escritos. Creio que é um bom método

de trabalho, pois dá-nos mais entusiasmo em aprender.” B.

“Desde o primeiro período eu tenho vindo a melhorar na comunicação. No primeiro período, na comunicação eu li bastante o trabalho mas agora, no 2.º período, soube explicar melhor o trabalho e não li.” M.

“Penso que as propostas que fizemos no final do 1.º período foram realizadas, em termos de trabalhos, apesar das apresentações precisarem de ser melhoradas” M.S.

No geral, os alunos consideraram que houve um grande esforço de todos para cumprir as propostas definidas no final do 1.º período e que, por isso, as comunicações orais melhoraram, deixando de haver leituras, havendo mais explicações e exploração de ilustrações, tendo como preocupação a turma, os colegas e não apenas a professora. O trabalho desenvolvido pelos vários grupos e o modo de partilhar o que aprenderam deixou de ter como “público-alvo” a professora e, em vez disso, o olhar dos alunos passou a centrar-se na turma, enriquecendo as suas comunicações orais com momentos de interação com os colegas. É o caso da leitura e análise de documentos, tais como textos, imagens, mapas, ou da visualização de pequenos documentários.

Em jeito de conclusão

De acordo com as perspetivas socioculturais, que são a matriz concetual do modelo pedagógico do MEM, a construção do conhecimento tem origem social, constrói-se com e através dos outros – como nos diz Filomena Serralha (2016), é uma “construção conjunta do conhecimento” –, devendo ser explicitada “a ajuda que uns dão aos outros” para aprender. A “linguagem oral e escrita [é o] meio que opera a transformação dos vários intervenientes” (p. 57). Por outro lado, como os intervenientes de um grupo de aprendizagem

têm naturalmente compreensões diversas sobre as coisas, defendendo por isso pontos de vista diferentes, é necessária uma negociação permanente, exaustivamente explicitada, para que se possam alcançar perspectivas compartilhadas, a fim de que todos se apropriem dos processos, dos instrumentos e dos procedimentos (Peças, 1999; Serralha, 2016).

Este ano letivo, ao ter que trabalhar pela primeira vez com três turmas de 9.º ano, deparei-me com variadíssimos obstáculos ao pretender desenvolver, em contexto de sala de aula, num ambiente de cooperação, as pesquisas orientadas para trabalho em projetos e as respetivas comunicações.

Embora com um percurso difícil e atribulado, neste momento posso afirmar que:

- A entreatajuda tornou-se uma constante, especialmente numa das turmas, nos momentos de pesquisa e também nos momentos de estudo autónomo, houve alunos que ajudaram regularmente outros grupos de trabalho

- A aceitação de alunos com necessidades educativas especiais, que habitualmente se encontravam na sala de aula, mas afastados do resto dos colegas da turma e a realizar tarefas distintas, foi também uma realidade numa das turmas. Estes alunos, pela primeira vez no seu percurso escolar, comunicaram o que aprenderam, integrados em grupos de trabalho, com o apoio dos colegas

- Os relatos das atividades de pesquisa – comunicações orais – melhoraram significativamente, havendo uma maior e real partilha das aprendizagens realizadas, em todas as turmas.

O trabalho realizado ao longo deste ano letivo foi no sentido de aproximar cada uma das turmas de uma comunidade de aprendizagem. Para isso foram cruciais os variadíssimos momentos de reunião de conselho, nos quais se verificou uma constante negociação dos processos, dos instrumentos e dos próprios procedimentos. Nessas reuniões os alunos foram adotando um papel cada vez mais ativo e crítico no planeamento do trabalho,

na construção de instrumentos de regulação, na explicitação e partilha dos procedimentos adotados por cada grupo, na reconstrução de procedimentos a adotar nas comunicações orais e na avaliação de todo o trabalho desenvolvido. O seu envolvimento foi crescendo ao longo do ano, num ambiente de diálogo constante e de compromisso, em que os grupos-turma assumiram um papel regulador de todas as dinâmicas ocorridas no desenvolvimento do trabalho curricular.

Referências bibliográficas

- Dewey, J. (1968). O sentido do Projecto. In E. Leite, M. Malpique, & M. R. Santos (Orgs.), *Trabalho de Projecto – 2. Leituras comentadas* (pp. 15-17). Porto: Edições Afrontamento. Coleção Ser Professor.
- Pires, J. (1994). Trabalho de projecto, algumas considerações teóricas. (Dossier) *O professor*, 40 (setembro/outubro), 20-25.
- Martins, G. d'O. (Coordenador) (2017). *O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho. Lisboa: Direção-Geral da Educação.
- Niza, S. (2005). Todo o Trabalho humano requer a idealização de um projeto. *Editorial. Escola Moderna*, 24, 5.ª série, 3-4.
- Niza, S. (2005). Sérgio Niza: a construção de uma democracia na ação educativa. In A. Nóvoa, F. Marcelino & J. Ramos do Ó (Orgs.). (2015), *Sérgio Niza: Escritos sobre Educação* (pp. 494-518). (2.ªed). Lisboa: Tinta-da-China.
- Niza, S. (2016). Movimento da Escola Moderna hoje. *Escola Moderna*, 4, 6.ª série, 11-15.
- Peças, A. (1999). Uma cultura para o trabalho de projeto. *Escola Moderna*, 6, 5.ª série. 56-61.
- Perrenoud, P. (2001). Aprender na escola através de projetos: porquê? Como? In P. Perrenoud. (2001), *Porquê construir competências a partir da escola?* (pp. 109-121). Lisboa: ASA.

Serralha, F. (2007). Trabalho em Projectos. In *Socialização Democrática na Escola: o desenvolvimento sociomoral dos alunos do 1.º CEB*. (pp. 166-174). Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Serralha, F. (2016). Os atuais enfoques teóricos do MEM. *Escola Moderna*, 4, 6.ª série, 55-57.

Recursos eletrónicos

Glasser, W. *Como aprendemos. Teoria de Aprendizagem*. Consultado em 30/03/18 in <http://provaseegabaritos.blogspot.pt/2016/07/voce-sabia-que-quando-ensinamos-e.html?m=1>

Anexos

9 — A EUROPA E O MUNDO NO LIMIAR DO SÉCULO XX

9.1 — HEGEMONIA E DECLÍNIO DA INFLUÊNCIA EUROPEIA

- Imperialismo e colonialismo: a partilha do Mundo.
- A 1.ª Grande Guerra.
- As transformações económicas do após-guerra no mundo ocidental.

*Imperialismo
Nacionalismo
Colonialismo
Racismo
Fordismo
Taylorismo
Estandardização
Monopólio
Inflação*

9.2 — A REVOLUÇÃO SOVIÉTICA

- Da Rússia dos czares à Rússia dos sovietes.

*Comunismo
Marxismo-leninismo
Bolchevique
Soviete
Nacionalização
Ditadura do proletariado*

9.3 — PORTUGAL: DA 1.ª REPÚBLICA À DITADURA MILITAR

- Crise e queda da monarquia.
- A 1.ª República.

*Ultimato
Republicanismo
Ditadura militar*

9.4 — SOCIEDADE E CULTURA NUM MUNDO EM MUNDANÇA

- Mutações na estrutura social e nos costumes.
- Os novos caminhos da ciência.
- Ruptura e inovação nas artes e na literatura.

*Feminismo
Cultura de massas
Mass media
Ciências Humanas
Futurismo
Modernismo
Abstraccionismo*

Anexo 2 – Plano Trimestral de Trabalho

PLANO TRIMESTRAL DE TRABALHO – 9º A	
Setembro – 7 aulas de 45 minutos	Outubro – 13 aulas de 45 minutos
<p>14 – Aula de 45 min. Apresentação. Preenchimento de um documento sobre as Expetativas face à disciplina de História. Apresentação dos critérios de avaliação.</p> <p>19 – Aula de 90 minutos Apresentação do programa. Diálogo com os alunos sobre o modo de trabalhar na disciplina.</p> <p>21 – Aula de 45 minutos Escolha de temas e formação de grupo para projetos de trabalho.</p> <p>26 – Aula de 90 minutos Distribuição e explicitação de dois roteiros – como fazer pesquisa em projetos de trabalho e Critérios para uma boa comunicação oral. Projetos de trabalho – início da pesquisa individual</p> <p>28 de setembro – aula de 45 minutos - Projetos de trabalho – pesquisa individual</p>	<p>3 - Aula de 90 minutos - Projetos de trabalho – pesquisa individual 5 – Feriado</p> <p>10 – Aula de 90 minutos - Projetos de trabalho – pesquisa em grupo 12 - Aula de 45 minutos - Projetos de trabalho</p> <p>17 – Aula de 90 minutos – Teste 19 – Aula de 45 minutos -Projetos - elaboração das apresentações em PPT</p> <p>24 – Aula de 90 minutos - Projetos – apresentações em PPT / preparação das Comunicações orais</p> <p>26 – Aula de 45 minutos – Comunicações orais: A 1ª Guerra Mundial – Paulo/ Joana Entrega dos testes.</p> <p>31 – Aula de 90 minutos - Comunicações orais: A 1ª Guerra Mundial – Grupos do Paulo e da Joana</p>
Novembro – 13 aulas de 45 minutos	Dezembro – 6 aulas
<p>2 – Aula de 45 minutos – Estudo autónomo sobre a 1ª Guerra Mundial</p> <p>7 – Aula de 90 minutos – Comunicações orais: - A crise da monarquia em Portugal - Implantação da 1ª República</p> <p>9 – Aula de 45 minutos – Estudo autónomo sobre Portugal</p> <p>14 – Aula de 90 minutos – Comunicações orais: - A revolução Soviética: fevereiro e outubro Os movimentos artísticos – 2 grupos</p> <p>16 – Aula de 45 minutos – Estudo autónomo (1ª Guerra Mundial e Portugal)</p> <p>21 – Aula de 90 minutos – Teste (1ª Guerra Mundial e Portugal)</p> <p>23 – Aula de 45 minutos – Comunicação da profª: A sociedade europeia e dos EUA nos anos 20 Estudo autónomo sobre a Revolução Soviética</p> <p>28 – Aula de 90 minutos- Comunicação da profª– A crise de 1929 e suas consequências A cultura de massas – grupo de alunos do 9º B Comunicação da profª – “Os Loucos Anos 20”</p> <p>30 – Aula de 45 minutos - Estudo autónomo sobre “A cultura de massas e os Loucos Anos 20”.</p>	<p>5 – Aula de 90 minutos – Comunicação da profª: A Crise de 1929 Respostas à crise: regimes autoritários e democráticos</p> <p>7 - Aula de 45 minutos – Estudo autónomo – A crise de 1929</p> <p>12 – Aula de 90 minutos – Comunicações sobre: Os movimentos artísticos Auto e heteroavaliação.</p> <p>14 – Aula de 45 minutos - Auto e heteroavaliação (Continuação)</p>



DIREÇÃO GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES - DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO ALENTEJO
13525 - AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ARRAIÓLOS
ESCOLA BÁSICA DE 2.º E 3.º CICLOS COM SECUNDÁRIO CUNHA RIVARA DE ARRAIÓLOS

ROTEIRO PARA AS PESQUISAS ORIENTADAS POR PROJETOS DE TRABALHO

1. Selecionar dois temas para desenvolver a pesquisa.
2. Escolher, através do diálogo, o tema que cada um pretende pesquisar/estudar.
3. Após a escolha do tema começar por ler o texto informativo do manual.
4. Sublinhar o que se considera ser importante.
5. Realçar as palavras/conceitos desconhecidos.
6. Procurar o significado dessas palavras/conceitos em dicionários e outras fontes de informação.
7. Responder às questões do manual sobre o tema escolhido.
8. Consultar outros manuais/obras e acrescentar/aprofundar a informação recolhida.
9. Construir um texto com a informação selecionada.
10. Registrar as dúvidas não resolvidas.
11. Reunir com os colegas que estão a pesquisar o mesmo tema e mostrar/confrontar os textos redigidos individualmente.
12. Procurar encontrar respostas/soluções às dúvidas ainda existentes.
13. Caso ainda persistam dúvidas/ou questões por resolver consultar a professora.
14. Produzir um só texto a partir dos textos redigidos individualmente, excluindo informações repetidas, acrescentando dados novos, exemplos, etc.
15. Construir, a partir do texto escrito em grupo, o suporte escrito da comunicação oral: uma apresentação em PowerPoint ou Prezi; um artigo para o jornal da escola; ou uma exposição, etc.
16. Distribuir de forma equitativa pelos elementos do grupo os vários aspetos do tema a comunicar.
17. Preparar a comunicação oral (ensaio), em que cada aluno comunica aos restantes elementos do grupo os assuntos da sua responsabilidade.

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS/CONCEITOS - HISTÓRIA - 9º ANO – Ano letivo de 2017-18

Domínio: A Europa e o mundo no limiar do século XX

Subdomínio: Portugal: da I República à Ditadura Militar (pp. 66 à 75)

Objetivos: A. Conhecer e compreender a crise e queda da Monarquia Constitucional

B. Conhecer e compreender as realizações e dificuldades da I República (1910-1914)

C. Conhecer e compreender o derrube da I República e a sua substituição por um regime ditatorial

Objetivo Geral	APRENDIZAGENS	CONCEITOS/ TERMOS	PÁGINAS DO MANUAL	JÁ SEI	TEHO DÚVIDAS
A	1. Caracteriza a situação económica de Portugal no final do século XIX.	- Balança comercial	67		
A	2. Descreve os motivos do descontentamento social em Portugal nos finais do século XIX.		67		
A	3. Diz como reagiram os portugueses ao Ultimato inglês	- Ultimato	67 (recorda na página17)		
A	4. Assinala o ano da criação do Partido Republicano Português.	- Partido político	67		
A	5. Refere as ideias defendidas pelo Partido Republicano Português.	- Republicanismo	67		
A	6. Indica os meios utilizados para divulgar as suas ideias junto da população portuguesa.		67		
A	7. Identifica os principais apolantes do Partido Republicano Português.		67		
A	8. Descreve o que aconteceu em 31 de janeiro de 1891.		69		
A	9. Relata a ação do rei D. Carlos em 1906.		69		
A	10. Descreve como governou João Franco a partir de 1907.	- Ditadura	69		
A	11. Diz o que sucedeu em 1 de fevereiro de 1908.	- Regicídio	69		
A	12. Descreve a ação de D. Manuel II.		69		
A	13. Relata os acontecimentos que conduziram à vitória dos republicanos.	- República	69		
A	14. Identifica os grupos sociais que apolaram a República.		69		
A	15. Refere onde e como foi proclamada a República.		69		
A	16. Descreve qual foi o destino do rei e de sua mãe.		69		
A	17. Identifica quem liderou o Governo Provisório, bem com as medidas que de imediato foram tomadas.		69		
B	18. Indica a data da aprovação da Constituição republicana.	- Constituição	71		
B	19. Refere as principais características da Constituição republicana.		71		
B	20. Apresenta as diferenças e as semelhanças entre a Constituição republicana e a Carta Constitucional de 1826.	- Carta constitucional	70 Doc.1		
B	21. Descreve as medidas tomadas pelos governos republicanos.		71		
B	22. Indica os motivos que levaram grande parte da população a opor-se à laicização do Estado.	- Laicização do Estado - Anticlericalismo	73		
B	23. Refere as razões do descontentamento social.		73		
B	24. Identifica os motivos da instabilidade política.		73		
B	25. Descreve o que sucedeu ao Partido Republicano Português.		72 – doc. 3 73		
B	26. Descreve os motivos da mudança frequente dos governos.		73		
C	27. Identifica as razões que levaram Portugal a participar na 1ª Guerra Mundial.		75		
C	28. Assinala as consequências da participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial.		75		
C	29. Caracteriza a ditadura de Sidónio Pais.	- Ditadura - Sidonismo	75		
C	30. Relata a situação de Portugal entre 1919 e 1926.		75		
C	31. Descreve o que sucedeu em 28 de maio de 1926.	- Ditadura militar	75		

Anexo 4



FICHA DE HETERO-AVALIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ORAL À TURMA
Disciplina de HISTÓRIA

Tema da Comunicação: A Restauração da República Portuguesa

Quem avaliou: Paulo Oliveira Data: 07 / 11 / 2013

1º - Como suporte à comunicação, o grupo apresentou:

1.1 - Materiais em formato digital:

1.1.1 - Sínteses

1.1.2 - Esquemas

1.1.3 - Mapas

1.1.4 - Quadros

1.1.5 - Imagens

1.1.6 - Vídeos

1.1.7 - Outro: _____

1.2 - Esquemas /resumos escritos no quadro

1.3 - Esquemas, textos ou outros documentos distribuídos à turma

2º - Ao expôr o tema o grupo fê-lo, no geral, do seguinte modo:

2.1 - Em voz baixa e sem pausas

2.2 - Em voz alta, clara e sem hesitações

2.3 - Leu os materiais apresentados e de seguida explicou por outras palavras alguns assuntos

2.4 - Explicou o tema do trabalho sem recorrer a suportes escritos.

2.5 - Explicou o tema do trabalho a partir de suportes escritos realizados para o efeito

2.6 - Ilustrou as suas explicações com material audiovisual /informático

2.7 - Propôs à turma a realização de tarefas/atividades

2.8 - Propôs à turma a realização de tarefas/atividades e tirou conclusões por escrito

3º - As dúvidas colocadas pela turma foram:

3.1 Todas de imediato esclarecidas pelo grupo

3.2 Algumas esclarecidas pelo grupo e outras esclarecidas com o apoio da professora

3.3 Algumas esclarecidas de imediato pelo grupo e outras na aula seguinte

3.4 Todas esclarecidas pela professora porque o grupo não conseguiu

4º - Após a comunicação fiquei a saber:

4.1 - Todos os assuntos que os colegas comunicaram

4.2 - Alguns dos assuntos comunicados - Quais (1)

4.3 - Quase nada do que foi comunicado

(1) _____



Avaliação da comunicação	Nome	Insuficiente	Suficiente	Bom	M. Bom
	Yolga		X		
	Alexandre			<	
	Jellen		<		

PONTOS FORTES	ASPETOS A MELHORAR
<p>têm um pequeno grupo. conseguiram explicar mais ou menos o tema. O Powerpoint estava bom.</p>	<p>têm de estudar um pouco mais o trabalho. Ler menos o que está no powerpoint. Mais mapas. Ter mais posters enquanto apresentam.</p>

Anexo 5B



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ARRAIOLOS
 ESCOLA BÁSICA DE 2º E 3º CICLOS COM SECUNDÁRIO CUNHA RIVARA DE ARRAIOLOS
 9.º Ano de escolaridade



Ano letivo 2017/2018

Projetos de Trabalho

Tema	Grupo de Trabalho	O que pretendemos ficar a saber com este projeto
AI República	Alexandre nº 1 Júlia nº 8 Jorge nº 11	Pretendemos ficar a saber: - A constituição Republicana; - Os meios realizados da I República; - Medidas Republicanas e descontentamento social; - A instabilidade da República nos últimos anos; - A participação de Portugal na II Guerra Mundial; - A vida da população durante a guerra.

Planeamento/Pesquisa/ Tratamento da informação/Comunicação

Aprendizagens essenciais (da lista de verificação)		Produto final:
<hr/> <hr/> <hr/> <hr/>		<hr/> <hr/> <hr/>
Tarefas	Data da realização	Observações (dúvidas, sugestões, questões a registar)
1. Ler e sublinhar a informação do manual	✓	Construímos de saber as palavras do dia de Independência da República (5 maio 1910). - nota - Plano: Devem começar por palavras desse dia. Mesmo havendo outro grupo a tratar da queda da monarquia.
2. Construir individualmente sínteses escritas	✓	
3. Construir individualmente esquemas	✓	
4. Procurar mais informação sobre o tema	✓	
5. Analisar documentos	✓	
6. Responder às questões do manual	✓	
7. Esclarecer dúvidas (com a professora ou colegas)	✓	
8. Confrontar ideias/informação recolhida em grupo	✓	
9. Construir uma síntese escrita, em grupo	✓	
10. Organizar a comunicação em grupo	✓ 10/05/18	
11. Preparar a comunicação oral do tema à turma		
Outra (s):		